

## **OS SUJEITOS E OS SENTIDOS NA DIVERSIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA: DIFERENTES FALARES, UM SÓ FALAR**

Rosimar Regina Rodrigues de Oliveira<sup>1</sup>

Neste trabalho, serão tratadas questões referentes à constituição da *língua nacional* do Brasil, ou seja, como afirmam Guimarães e Orlandi (1996, p. 9), “língua que funciona no Brasil”; seu percurso até Alto Araguaia – pequeno município do Estado de Mato Grosso – analisando os sentidos produzidos nos discursos dos sujeitos araguienses, herdeiros de um falar que se constituiu a partir da junção de muitas tradições, que foram fundamentais na constituição da história do falar araguiense. Como esse sujeito, falante araguiense, se posiciona diante de seu próprio falar e dos falares que compuseram o seu, como: o mineiro, o baiano, o goiano, o paulista, e ainda diante do falar gaúcho, que veio mais tarde para o município. Para isso, se faz necessário tratar as condições sócio-históricas em que se deu a formação dessa língua e, conseqüentemente desse falar e, ainda, apresentar sua relação com a história de seus falantes.

A língua Nacional no Brasil: sua formação

---

<sup>1</sup> UNEMAT/UEMS/FUNDECT/CNPq

A língua falada no Brasil é composta por muitos falares, os quais vem se formando desde o início da colonização do país, que se deu por volta de 1532 com a divisão do litoral brasileiro em capitanias hereditárias onde, a princípio, os colonizadores portugueses se estabeleceram. Os povos ali encontrados falavam, entre outras, as línguas tupi e guarani.

Anos mais tarde, o colonizador português trouxe para o Brasil um grande número de africanos para trabalharem como escravos na agricultura, e os fixou nas regiões Nordeste e Sudeste, sendo que a grande maioria se fixou principalmente na primeira. Esses povos vinham de vários lugares da África e falavam línguas diversas. Nesse período somente o litoral brasileiro era colonizado, porém, a partir da fundação de São Paulo, em 1554, as portas se abriram para o interior.

No século XVII, por falta de escravos para trabalharem nas lavouras os “paulistas” organizaram expedições para capturar índios e explorar o sertão em busca de metais preciosos. Nesse período, de acordo com Bueno (1963), todas as expedições que entraram para o interior do Brasil usaram a língua tupi. Essas expedições adentraram o sertão e ampliaram enormemente os limites territoriais do Brasil, definidos até então pelo Tratado de Tordesilhas. Foi a partir dessas viagens que ocorreu a colonização de Estados como Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso nos quais, em função da mineração foram construídas muitas vilas que foram se desenvolvendo e mais tarde se tornaram cidades. Ocorreu nesse período a chegada de muitos imigrantes portugueses à procura de ouro e diamantes. Atingiram, então, a região aurífera de Cuiabá, atual capital do Estado de Mato Grosso, a qual foi fundada em 1719.

Até 1763 a capital do Brasil foi Salvador; a partir desse ano passou a ser Rio de Janeiro. Porém, tanto uma como a outra, somente preenchiam funções políticas, administrativas e religiosas; o papel intelectual e cultural era muito limitado. Não havia no país nenhuma universidade nem tipografia. Essa situação só foi modificada após a chegada de D. João VI, no século XIX, até então, aqueles que quisessem estudar deviam ir para Coimbra.

A situação lingüística no país, nesse período, era a seguinte: o português europeu era falado pelos “colonos” de origem portuguesa, porém, de acordo com Teyssier (2001;

94), “com traços específicos que se acentuam no decorrer do tempo”. A Língua Portuguesa era ensinada às populações indígenas, africanas e aos mestiços, porém ao ser falada por estes, apresentava características diferentes da Língua falada em Portugal. Juntamente com a Língua Portuguesa havia a *Língua Geral*, que era o Tupi, principal língua falada pelos indígenas das regiões costeiras do Brasil. Eram mantidos também alguns falares dos povos indígenas, que de acordo com Teyssier (idem) eram denominados *línguas travadas*.

A língua Tupi e a Portuguesa conviveram por muito tempo como línguas de comunicação, até que no século XVIII, muitos fatos contribuíram para que a língua geral entrasse em decadência, entre os quais a chegada de muitos imigrantes portugueses atraídos pela descoberta de ouro e diamantes e o Diretório promulgado pelo Marquês de Pombal, em 1757, que proibia o uso da Língua Geral e obrigava que se usasse como oficial a Língua Portuguesa. Acontece, então, o que é comum em toda história das conquistas: é estabelecida “uma relação de dominação da língua do conquistador sobre o povo submetido” (Orlandi, 1998). Após alguns anos a Língua Geral deixa de ser usada, restando dela apenas muitos topônimos e algumas palavras integradas ao léxico da Língua Portuguesa local.

Somente a partir de meados do século XVIII e início do século XIX o português falado no Brasil começou a ser documentado, porém por autores portugueses como: Frei Luís do Monte Carmelo (*Compendio de Orthographia*, 1767); Jerônimo Soares Barbosa (*Grammatica Philosophica*, 1822) e outros, apresentando apenas, suas características específicas.

Em 1808, por conta das invasões francesas, D. João VI veio para o Brasil e fez do Rio de Janeiro a capital da Monarquia. Juntamente com a corte chegaram 15.000 portugueses que contribuíram com a “reluzitanização” do Estado. Houve também um crescente aumento na chegada de negros africanos. Conforme Orlandi e Guimarães (2001) foi modificada a relação entre o português, língua de colonização, e as outras línguas faladas no Brasil. Nesse período, foram tomadas iniciativas que acelerariam o progresso material e cultural do país, como a abertura dos portos do Brasil para o mundo exterior; a criação da imprensa e a fundação da Biblioteca Nacional, instituições de grande importância para a vida intelectual brasileira.

Com a independência, em 1822, o Brasil se constituiu *nação*, compreendendo este termo como em princípio, apresentou Hobsbawm (1998, p. 18) “qualquer corpo de pessoas suficientemente grande cujos membros consideram-se como membros de uma “nação”.”. Sendo a Língua Portuguesa considerada a língua nacional do Brasil após a independência, conforme Teyssier (2001), muitos brasileiros pensavam que seria impossível haver uma nação original, com sua cultura e literatura próprias, sem uma língua original.

Os brasileiros buscaram, então, se diferenciar do seu colonizador. Para tanto passaram a dar maior valor às raízes indígenas e acolher inúmeros imigrantes europeus de nacionalidade diversa da portuguesa. Com a vinda desses outros povos aumentou, então, a miscigenação de raças e línguas: européias, africanas e indígenas. “Temos, então, a relação entre o português do Brasil, afetado por todos esses processos identitários nessas configurações históricas da língua, e o português de Portugal, língua de colonização” (ORLANDI, 1998, p. 8). Por volta de 1826, após muitas discussões, fica determinado que os professores deverão ensinar a ler e a escrever utilizando a gramática da *língua nacional*.

A partir da fundação do primeiro colégio do Brasil, o Colégio Pedro Segundo, no Rio de Janeiro, em 1837, é iniciado o processo de gramatização brasileiro marcado pela instituição escolar posta em funcionamento a partir de então.

Em 1850, com o fim do tráfico de escravos, foi necessário buscar outro tipo de trabalhador para auxiliar na produção cafeeira. Ocorreu, então, a imigração de trabalhadores europeus (suíços, alemães, belgas, portugueses e italianos), os quais eram originários de áreas rurais. Estes ao chegarem ao Brasil se dirigiam principalmente para São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Nesse período, o pólo de desenvolvimento migrou para o Sul do país. Com a urbanização e a industrialização do país modificou-se completamente não só a sua aparência, uma vez que a língua também foi adquirindo novos traços, pois, conforme Orlandi, “não há língua nacional, aliás, que não se constitua nesse movimento de confrontos, alianças, oposições, ambigüidades, tensões com outras línguas” (1998, p. 9).

A questão da língua, embora tenha causado preocupações anteriormente, somente se colocou para os escritores alguns anos mais tarde, com o Romantismo, que durou no Brasil até depois de 1870. José de Alencar, por exemplo, por ocasião da publicação de *Iracema*, escreveu de forma diferenciada do português de Portugal e, por esse motivo, foi criticado e acusado de escrever em uma língua incorreta.

Após a Semana de Arte Moderna, em 1922, o Brasil apresentou, cultural e artisticamente, uma originalidade propriamente brasileira. Ocorreu, então, uma ruptura com o passado e uma busca pela autenticidade brasileira que em relação à língua são extremamente positivas. De acordo com Teyssier os escritores “querem escrever numa língua que se aproxime da fala brasileira” (2001, p. 114).

Por volta de 1881, Júlio Ribeiro, professor do Colégio Culto à Ciência de Campinas, um dos iniciadores da gramatização brasileira do português, publicou a primeira Gramática da Língua Portuguesa do Brasil, *Grammatica Portugueza* a qual mostra a passagem da Gramática de Portugal para a Gramática do Brasil e limita-se à exposição dos fatos. Em 1887, é publicada a gramática de João Ribeiro cujo título, conforme Orlandi e Guimarães (2001, p. 27) “funciona a partir de uma posição de denominação que marca a relação com Portugal”, e é o mesmo da anteriormente publicada por Júlio Ribeiro. No mesmo ano é publicada a gramática de Pacheco Silva e Lameira de Andrade, sob o título de *Grammatica da Lingua Portuguesa* a qual qualificou a língua de portuguesa e não mais a gramática como ocorria antes. O que vem abrir espaço para a *determinação “do Brasil”* (*idem*) Aos poucos outras gramáticas foram sendo publicadas.

Após a abolição da escravatura, em 1888, a média de entrada de imigrantes no Brasil em busca de trabalho assalariado se aproximava de cem mil por ano, o que, de acordo com Vicentino (1995), fortaleceu o mercado interno brasileiro e acarretou o progresso industrial do país, uma vez que o trabalho era livre. Nesse mesmo ano, Antônio Joaquim de Macedo publica o Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Conforme Guimarães e Orlandi (1996) Macedo diz que os brasileiros deveriam escrever como se fala no Brasil e não mais como é escrito em Portugal.

Em 1889 o Brasil tornou-se um país republicano. A família real foi, então, forçada a deixar o país e se dirigiu à Europa. Foi publicada, nesse mesmo ano, a obra de Castro Lopes *Neologismos Indispensáveis e Barbarismos Dispensáveis*, na qual são apresentados alguns neologismos.

Com a finalidade de se dedicar à cultura da língua e da literatura nacional, foi criada, em 1897, a Academia Brasileira de Letras, que somente foi reconhecida pelo governo após três anos do início dos seus trabalhos. A Academia promoveu uma série de reformas e se envolveu em acordos de unificação ortográfica que somente se tornariam oficiais a partir de 1931.

Foi a partir da vinda, para o Brasil, desses e de outros povos de culturas diversas e em condições históricas distintas, que se deu a formação da Língua Portuguesa usada neste país, *Língua nacional*, uma vez que se difere da Língua Portuguesa usada no país colonizador não só por traços gramaticais, mas pelos diversos fatores, históricos e políticos que caracterizam a língua utilizada no Brasil e a faz distinta da de Portugal como afirma Orlandi (1993, p. 22) “o português do Brasil e o português de Portugal já significam diferentemente, mesmo que não se o reconheça”.

Muitas outras discussões em relação à formação da Língua nacional (portuguesa) se seguiram após esta data, porém, para a realização deste trabalho nos ateremos aos estudos realizados até aqui. A partir daqui, nos voltaremos aos estudos da constituição do falar araguaense.

### **E formou-se o falar araguaense: igual a qualquer outro... não!**

A ocupação da região sul de Mato Grosso, onde hoje se localiza Alto Araguaia, teve início no século XIX quando muitas pessoas em busca de melhorias, principalmente econômicas, se deslocaram de sua região ou de seu Estado para tal região. Esse processo de migração levou muitas culturas à convivência num mesmo espaço, cada uma com seus falares, usos, costumes, crenças, religiões, etc., distintos.

Em Alto Araguaia, houve pelo menos três períodos principais de migração. Em um período inicial em que a região estava sendo desbravada chegaram baianos, mineiros, goianos e paulistas à procura de ouro e diamantes ou por causa da pecuária e da agricultura.

No ano de 1890 quando a região do Araguaia foi penetrada pelo sertanista mineiro Antônio Cândido Carvalho, sua população era composta apenas por povos indígenas. Em seguida, alguns parentes seus se dirigiram à região. Dentre eles João José de Moraes Cajango, que descobriu a existência de diamante através dos Bororos, o que impulsionou o povoamento da região e deu início à colonização da mesma. Também a criação de gado e muares colaborou com o povoamento da região a partir da chegada de muitos mineiros e goianos que tinham seus interesses voltados à pecuária.

Por volta de 1908, Cândido Soares Filho, sertanista baiano, com o objetivo de extrair ouro e diamante no rio Garças, se instalou na região com um grupo de garimpeiros. A notícia do garimpo fértil se espalhou e muitos outros grupos de baianos migraram para o local. Foi a possibilidade de adquirir terras por uma pequena importância que fez com que os paulistas se dirigissem à região e nela se fixassem. Muitos goianos, por estarem próximos desse município que fica na divisa com o Estado de Goiás, também buscaram nessa região melhores condições de existência. As atividades econômicas desenvolvidas na região eram: a mineração, a pecuária e a agricultura.

Em um segundo momento, por volta de 1941, por incentivo do presidente Getúlio Vargas, iniciou-se a “Marcha para Oeste” – movimento para a ocupação das terras das regiões Centro-Oeste e Norte. Muitos sulistas e paulistas migraram para o Estado de Mato Grosso, se espalharam por todo o Estado e se instalaram, inclusive, em Alto Araguaia.

No terceiro momento, por volta dos anos 70, recomeçaram as migrações de sulistas para todo o Estado em busca de terras com preços baixos para o plantio de grãos ou ligados a outras atividades como o comércio, a educação ou a política, todos buscando uma melhor situação sócio-econômica. Muitos se fixaram em Alto Araguaia, principalmente os gaúchos, que assim como os outros imigrantes que chegaram em momentos distintos, contribuíram para o desenvolvimento sócio-econômico do município.

O povo e o falar araguaense se formaram a partir da junção de grupos com culturas distintas, que conviviam num mesmo país, porém em Estados diferentes. Em princípio com os mineiros, baianos, goianos, paulistas, e num outro momento confrontando estes com o gaúcho que chegou um pouco mais tarde à região. Esta diversidade refletindo no plano linguístico deu forma ao falar atualmente apresentado na região, e conforme Moralis (2000, p. 15) tornou-se “difícil precisar uma marca específica do falar araguaense”.

Porém, cada grupo que compôs o falar araguaense ao ser entrevistado em relação a outro grupo que também o compôs, apresenta uma posição, às vezes positiva outras vezes negativa, que possibilita compreender que há, nos discursos, sentidos pré-construídos que podem ser observados a partir da memória discursiva dos sujeitos-cidadãos araguaenses.

### *Alguns conceitos, algumas interpretações*

Para analisar os discursos propostos, utilizamos os conceitos da Análise do Discurso de linha francesa, que se constituiu como disciplina em 1969, com Michel Pêcheux, como uma proposta interdisciplinar, fundamentando-se na lingüística (Saussure), no Materialismo Histórico (Marx - releitura de Althusser), e na Psicanálise (Freud – releitura de Lacan). A análise do Discurso estabeleceu-se como uma disciplina voltada para os estudos da língua em funcionamento e seus sentidos, que são determinados levando em consideração a relação da língua(gem) com a exterioridade, ou seja, com as condições de produção do discurso. A partir desses estudos, Pêcheux desenvolveu seus conceitos instituindo a AD francesa.

O sujeito, conforme Pêcheux (1995, p. 163), “se constitui pelo ‘esquecimento’ daquilo que o determina”, ocorrendo então, uma ambiguidade da “noção de sujeito que, se determina o que diz, no entanto, é determinado pela exterioridade na sua relação com os sentidos” (ORLANDI, 2000, p. 50), os



quais se instituem historicamente na relação do sujeito com a língua a partir das condições de produção do discurso. Há sempre uma memória do dizer que atravessa a relação entre língua e objeto e que determina as práticas discursivas do sujeito.

O *corpus* de análise estará constituído pelos conjuntos de enunciados produzidos a partir de uma posição dos falantes residentes no município de Alto Araguaia. Esses enunciados trarão à superfície os *sentidos* - “efeitos da memória e do presente do acontecimento: posições de sujeito, cruzamento de discursos no acontecimento” (GUIMARÃES, 1996, p. 101) - produzidos a respeito de cada falar a partir do posicionamento de cada *sujeito* - constituído histórica e socialmente – em relação ao falar do outro e ao seu próprio falar.

Levando em consideração as posições ocupadas pelos sujeitos que falam da posição de comerciante, agropecuarista e político, residentes em Alto Araguaia, um pequeno município do Estado de Mato Grosso, que se localiza na divisa com o Estado de Goiás, e tem como município vizinho Santa Rita do Araguaia, tendo como divisa apenas o rio Araguaia. Essa região foi por muitos anos “um verdadeiro mundo ignorado” (BOAS, 1994, p. 41), por estar distante dos grandes centros e, portanto, das tecnologias existentes nos mesmos.

Desenvolvemos as análises propostas neste trabalho, considerando os discursos de alguns araguienses que responderam a um questionário a respeito desses falares em relação ao seu próprio falar e, em seguida, em relação aos falares que compuseram o seu. Buscamos compreender, isto é, “saber como um objeto simbólico (enunciado, texto, pintura, música etc) produz sentidos”, (ORLANDI, 2000, p. 26), considerando as *condições de produção* (imediatas) dos sujeitos - um político, um agropecuarista e um comerciante – e as *posições-sujeito* a partir das quais enunciam esses sujeitos. Para o desenvolvimento das análises foram caracterizados os conjuntos de enunciados em discursos, e feita a descrição de seus efeitos de sentido.

### **Diante de tantos falares: como é que fala o araguiense?**

1. *É muito parecido com o falar goiano.* (MM – agropecuarista)
2. *É normal como o goiano.* (NC – comércio)
3. *O falar araguiense é ótimo.* (JSMN – político)

Nesse primeiro grupo de enunciados, observamos como o entrevistado, araguiense, avalia seu falar. É possível perceber, em 1 e 2, que ao ser questionado sobre o seu falar, esse entrevistado se reporta ao falar goiano, se eximindo de falar do seu. Porém em 1, não estabelece nenhum juízo de valor, enquanto que em 2, ao dizer que o seu falar é normal como o do falante goiano, contrapõe esses dois falares aos outros: mineiro, baiano, paulista e gaúcho. Ao afirmar que o falar araguiense e o goiano são parecidos e normais, o sujeito-falante araguiense, produz o efeito de sentido de que os outros falares são diferentes dos já mencionados e, portanto, anormais. Em seguida, em 3, o falar araguiense é valorado, apresentado como “ótimo” o que leva a pressupor que, ao falar goiano, também é possível emitir o mesmo juízo de valor, enquanto que aos outros não é aberta essa possibilidade. Até porque, a relação estabelecida entre os falares araguiense e goiano “encontra razões na proximidade geográfica, convivência diária e nas relações históricas” (MORALIS, 2000, p. 44). O conjunto de enunciados analisados apresenta algumas unidades discursivas como: parecido, normal e ótimo que qualificam esses falares, araguiense e goiano, como superiores.

4. *“Cada grupo deu sua contribuição, só que goiano, o baiano e o mineiro mais, pelo número de pessoas no início.”* (JS MN - político)
5. *Alto Araguaia é uma cidade que tem muito baiano, vieram pra cá, casaram tiveram filhos. Então os filhos cresceram vendo os pais conversarem, como também de Minas Gerais, enfim misturou tudo.* (NC - comerciante)

Nesse segundo conjunto de enunciados, que trata das contribuições de cada grupo para a formação do município e conseqüentemente do falar araguaense, por outro lado, temos a inclusão de outros falares: mineiro e baiano, na relação com o goiano, sendo todos colocados no mesmo nível de importância, pela contribuição que deram no início do povoamento da região e, portanto, da formação do falar araguaense, principalmente, “pelo número de pessoas no início” (JSMN - político).

No enunciado 5, o entrevistado explicita que, embora em Alto Araguaia haja muitos baianos e mineiros, que inclusive se casaram e tiveram filhos “aqui”, e seus filhos tenham crescido ouvindo os pais conversarem, houve depois uma mistura de tudo. O sentido constituído nessa *formação discursiva* (PÊCHEUX, 1995) é o de que os falares foram se misturando e, por esse motivo, já não é possível observar com clareza a presença, ou mesmo, a influência dos falares baianos e mineiros na constituição do falar araguaense. Assim, embora os entrevistados digam que esses falares tenham sido de fundamental importância para a formação da região, pois foram os primeiros a chegar e em maior número que os que vieram mais tarde, sua influência é restrita.

### **Fala-se de tantas formas: é igual ou diferente?**

1. *A fala que mais me agrada é a goiana se parece com a do araguaense é agradável.* (JSMN - político)
2. *O falar goiano é o araguaense, os dois foram criados juntos.* (MM - agropecuarista)
3. *Eu acho muito parecida a fala do goiano com a do araguaense. Deve ser por causa da vizinhança.* (NC - comércio)

Os entrevistados falantes-araguienses, embora ocupando diferentes profissões e sendo de meios sociais distintos, apresentam um conjunto de enunciados que se constituem em paráfrases um do outro. Esses enunciados têm como *enunciado de base*, (RODRIGUES, 2001) “3”, uma vez que esse contém os sentidos dos demais enunciados. Frente aos outros falares, os entrevistados afirmaram ser o falar goiano o mais agradável e parecido com o dos araguienses, até porque, eles são vizinhos e “os dois foram criados juntos” (MM - agropecuarista). O que produz o efeito de sentido de que os falares que vierem de regiões mais distantes mais se diferirão uns dos outros. Assim sendo, entre os falares considerados, o que mais se distancia do araguiense é o gaúcho.

4. *Temos muito do baiano e do mineiro acho até que sem eles não existiríamos. Eles chegaram primeiro.* (MM - agropecuarista)

5. *Todo mundo mais antigo aqui é filho ou neto de baiano ou mineiro. Então alguma coisa a gente herdou, só não sei dar exemplo.* (JS - político)

6. *Eles preocupam com o jeito de falar.* (NC - Comércio)

No conjunto de enunciados acima, temos em 4 e 5 que os primeiros a chegarem à região de Alto Araguaia foram os baianos e os mineiros, os quais deixaram muitos filhos, e, portanto, foi herdada “alguma coisa” deles. O entrevistado, agropecuarista-araguiense, disse achar que sem os baianos e os mineiros “não existiríamos”. Isso produz o sentido de que eles seriam os fundadores do município, sendo, fundamentais para a constituição não só do falar, como da população araguiense. Em 6, logo acima, o entrevistado, comerciante-araguiense, se reporta ao falar paulista e o avalia positivamente, já que acredita que esses se “preocupam com o jeito de falar”. O que produz o efeito de sentido de que os outros não se preocupam, tornando, assim, os demais falares inferiores ao falar paulista.

1. *O gaúcho é arrogante, fala com imposição.* (NC comércio)

2. *Não gosto ele é diferente, quer ser superior.* (MM – agropecuarista)
3. *Eles adoram apresentar aquelas danças nas festas, eu não gosto; é um empata festa.* (JS - político)

Ao serem perguntados qual entre os tipos de falar apresentados os entrevistados classificam como o mais feio, os três entrevistados afirmam ser o falar gaúcho. Nesse grupo de enunciados ocorre a paráfrase, no enunciado 2, em que estão representados os sentidos dos outros dois enunciados. Porém, o entrevistado-araguaiense, ao responder à pergunta, trata não do falar gaúcho, mas do gaúcho enquanto indivíduo, usando, para qualificá-lo, algumas unidades discursivas como: arrogante, diferente, superior e empata festa. O que qualifica negativamente o gaúcho e não o seu falar, porém, essa qualificação é refletida pelos entrevistados, no falar dos gaúchos.

4. *O gaúcho trouxe uma cultura diferente e progresso. O que a gente considerava supérfluo, para eles era uma necessidade, como o telefone.* (NC – comércio)
5. *Quem trouxe a tecnologia pra cá, a lavoura mecanizada foram os gaúchos.* (MM – agropecuarista)
6. (...) *trouxe benefícios, no meu tempo de adolescência aqui não tinha quase nada, o gaúcho trouxe riqueza e circulação de dinheiro na região.* (JSMN – político)

Como pode ser observado no enunciado 5, do grupo de enunciados logo acima, os entrevistados apontam os gaúchos como os que mais contribuíram para o desenvolvimento sócio-econômico-cultural da região “trouxe uma cultura diferente e progresso” (NC - comércio). Todos os entrevistados concordam que a chegada dos gaúchos a Alto Araguaia foi benéfica para a região, uma vez que trouxe, até mesmo o que era considerado supérfluo pelos araguaienses como “o telefone”. Porém, isso não torna o gaúcho superior ou comparável aos mineiros e baianos, que foram os primeiros a chegar

a esse município, sendo, portanto, os fundadores, e aos goianos vizinhos e companheiros de convivência.

Podemos observar que esse último conjunto de enunciados também se constituem como paráfrase um do outro, sendo que temos, em 1, o enunciado de base. Confrontando esse conjunto de enunciados ao anterior, observamos que embora o gaúcho fale com imposição, o que foi avaliado negativamente, esse mesmo gaúcho “trouxe benefícios (...) trouxe riqueza” o que é avaliado positivamente.

### **Algumas considerações**

A partir das análises apresentadas, podemos observar que se relacionarmos as unidades discursivas apresentadas nos enunciados em relação ao falar goiano e ao falar gaúcho, veremos que o entrevistado-araguaiense apresenta o falar gaúcho como o mais “feio”, portanto, o que mais se distancia do falar araguaiense, uma vez que o falar goiano é tido como o mais “bonito” e que mais se aproxima do falar araguaiense. É apontada a importância dos outros falares para a constituição do falar araguaiense, só que seus traços se fundiram uns aos outros tornando difícil explicitá-los.

É apontado o falar goiano, por dois dos entrevistados, como o mais bonito e o mais próximo do falar araguaiense e, tendo um dos entrevistados explicitado que o seu falar é “ótimo”, é possível observar que o sentido produzido pelos discursos apresentados em relação ao falar araguaiense e aos outros falares que o constituíram é que todos, exceto o gaúcho, são considerados positivos e bonitos, principalmente o goiano que se constituiu num mesmo espaço histórico. Devemos, então, levar em consideração, como afirma Rodríguez (Sentido, Interpretação e História; p. 51) que os sentidos “são construídos por/através de sujeitos inscritos numa história”.

### Referência Bibliográfica

AUROUX, Silvain. *A Revolução Tecnológica da Gramatização*. Campinas: Unicamp, 1992.

BÔAS, Orlando Villas e Bôas Cláudio Villas. *A Marcha para o Oeste*. 4. ed. São Paulo: Globo, 1994.

BUENO, Francisco da Silveira. *Estudos de Filologia Portuguesa*. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1963.

GUIMARÃES, Eduardo. Língua e Enunciação, *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. Campinas, SP: 1996.

\_\_\_\_\_. *Os Limites do Sentido*. Campinas, SP: Pontes, 1995.

HOBSBAWM, Eric J.(1998) *Nações e Nacionalismo desde 1780. Programa, Mito e Realidade*. São Paulo: Paz e Terra, 2.ed.Tradução do original: *Nations and Nationalism since 1780 – programme, myth, reality* .Cambridge, 1990.

MORALIS, Edileusa Gimenes. *Dialetos em contato: um estudo sobre atitudes lingüísticas*. Tese de Mestrado. IEL/Unicamp, 2000.

OLIVEIRA, Altair Machado de. *Alto Araguaia dos Garimpos à soja*. Cuiabá, MT: Editora Print Express, 1998.

ORLANDI, Eni P. *Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos* Campinas, SP: Pontes, 2000.

\_\_\_\_\_. (org.) *Discurso Fundador: A Formação do País e a Construção da Identidade Nacional*. Campinas: Pontes, 1993.

\_\_\_\_\_. “Ética e Política Lingüística”, *Línguas e Instrumentos Lingüísticos* 1. Campinas: Pontes/Projeto HIL, janeiro/julho 1998.

\_\_\_\_\_. *Terra à Vista! Discurso do confronto: Velho e Novo Mundo*. São Paulo, Cortez/Unicamp, 1990.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1975.

RODRIGUES, Marlon Leal. *Introdução ao Estudo da Ideologia que Sustenta o MST*. Tese de Mestrado, UFMS/Três Lagoas, 2001.

RODRIGUEZ, Carolina. *Sentido, Interpretação e História*. CEL/Unicamp.

TEYSSIER, Paul. *História da Língua Portuguesa* 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VICENTINO, Cláudio. *História Integrada: Os séculos XVIII e XIX: Brasil geral*: 7ª série São Paulo, SP: Scipione, 1995.



## Anexo

### Questionário de base

1. Como você analisa a fala do araguiense?
2. O falar araguiense se parece com o falar de qual Estado?
3. Entre os tipos de falas: baiana, mineira, paulista, goiana e gaúcha, qual você acha mais feia? Porquê?
4. Dos grupos que vivem aqui, qual mais contribuiu para a cultura local?